

ARTIGO

ENSINO DE GEOGRAFIA E SOCIEDADE EM PIOTR KROPOTKIN

Jhonny Juliani*

RESUMO

Este estudo trata do Ensino de Geografia, discute, especificamente, as proposições de Kropotkin sobre esse tema. Não se trata, contudo, de uma análise restrita ao período de produção do pensador russo; procura entender como suas teses podem contribuir para o Ensino de Geografia no século XXI. Para tanto foi utilizado o método qualitativo de revisão de bibliografia. Para melhor análise dos dados, este material foi dividido em duas categorias: os textos do próprio autor e os textos sobre sua obra. Essa opção permitiu uma visão ampla de seu pensamento, bem como sobre o impacto social gerado por suas proposições e a atualidade de suas ideias.

Palavras-chave: Ensino de Geografia. Kropotkin. Anarquismo.

1 INTRODUÇÃO

A educação, entendida como a organização social formal ou informal com o objetivo de desenvolver capacidades intelectuais e morais nos indivíduos, tem desempenhado um papel fundamental nos projetos de sociedade. Do ensino para a justiça, como idealizou Platão, aos aparelhos ideológicos do Estado, pensados por Louis Althusser, passando pela educação para a adaptação, de Émile Durkheim, e pela escola unitária, de Antonio Gramsci, para citar apenas alguns textos clássicos, a educação em regra aparece como um meio imprescindível seja para a manutenção da sociedade ou sua transformação.

* Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor de História e Filosofia nos níveis fundamental e médio da Prefeitura Municipal de São Paulo.

No Ensino de Geografia essa compreensão se evidencia principalmente nas últimas décadas do século XX. Com o surgimento da chamada Geografia Crítica, a escola, assim como o ensino da disciplina, passa a ser pensado em uma perspectiva política. Nesse âmbito, destacam-se os estudos de Yves Lacoste, na França, e José William Vesentini e Milton Santos, no Brasil, entre outros autores.

No entanto, no final do século XIX, antes do advento da Geografia Crítica, Piotr Kropotkin (1842-1921), importante geógrafo e anarquista russo, que muito contribuiu com formação da ciência geográfica, já produzia significativos textos ressaltando o papel político do Ensino de Geografia, dentre os quais se destaca *O que a Geografia deve ser*, de 1885. A vida e a obra de Kropotkin apresentadas por Woodcock (2002) nos dão a dimensão da importância de sua contribuição para a Geografia Moderna. Contudo, em uma primeira aproximação com a história do pensamento geográfico, nota-se evidente ausência desse estudioso russo nos manuais da área, omissão esta ressaltada por Vesentini (1986): “trata-se, sem dúvida alguma, do principal omitido em todas as obras que buscam historiar essa modalidade do saber, da fala que é via de regra ignorada e assim silenciada” (p. 1).

Dessa ausência de estudos sobre Kropotkin e de seu pensamento de vanguarda sobre a relação entre o Ensino de Geografia e a política, decorre o problema desta pesquisa: *Quais as concepções de Kropotkin sobre o Ensino de Geografia?* Adverte-se que não se quis responder essa questão de maneira isolada, mas sim compreendê-la dentro do contexto das concepções anarquistas do geógrafo russo.

Este estudo tratou, portanto, do Ensino de Geografia, investigando, especificamente, as proposições de Kropotkin sobre o tema. Não se trata, contudo, de uma análise restrita ao período de produção do pensador russo; procurou-se entender como suas teses podem contribuir para o Ensino de Geografia no século XXI.

Desse modo, esta pesquisa teve como objetivo geral compreender a concepção de Kropotkin sobre o Ensino de Geografia e os seguintes objetivos específicos: - entender a concepção de educação vinculada a um projeto de sociedade; - apreender as ideias de homem, sociedade e educação de Kropotkin; - compreender as contribuições de Kropotkin para o Ensino de Geografia hoje.

Esta pesquisa utilizou o método qualitativo de revisão de bibliografia. Para melhor análise dos dados, este material foi dividido em duas categorias: os textos do próprio autor e os textos sobre a obra do geógrafo. Essa opção permitiu uma visão ampla do pensamento do autor, assim como de seu impacto social.

Os dados coletados foram sistematizados com base em uma ideia recorrente no pensamento pedagógico atual, quando se quer pensar a relação entre educação e política parte-se de três concepções fundamentais: sociedade, ser humano e educação.

Diante do exposto, este texto foi organizado da seguinte forma:

A concepção de sociedade – apresenta-se de modo sintetizado a concepção de sociedade do geógrafo russo.

A concepção de homem – expõe a concepção antropológica de Kropotkin.

O Ensino de Geografia – debate as ideias de educação e Ensino de Geografia na perspectiva do comunismo anarquista.

2 A CONCEPÇÃO DE SOCIEDADE

Na obra de Kropotkin, as concepções de Geografia e seu ensino estão intimamente associados a sua concepção de sociedade. Em sua perspectiva anarquista, considerava a sociedade de sua época injusta, sendo necessária uma transformação política. Para melhor compreensão das ideias do autor, optou-se por apresentar alguns conceitos centrais de seu pensamento: anarquia, comunismo anarquista e ajuda mútua.

A aceção vulgar associa anarquia à desordem, a ausência de normas, no entanto, Kropotkin (2005), seguindo o itinerário teórico dos anarquistas que o precederam, adverte que o sentido da palavra é mais abrangente: “o anarquista nega não só apenas as leis existentes, mas também todo o poder estabelecido, toda a autoridade; entretanto, sua essência permaneceu a mesma: ele se revolta – e é por isso que ele começa – contra o poder, a autoridade, qualquer que seja a forma” (p. 87).

Trata-se de uma negação da ordem estabelecida em favor de uma nova ordem, pois a que se estabelecia era responsável pela miséria, pela fome, pela ausência de uma vida higiênica, que gera a guerra e a prostituição, continua o geógrafo russo:

A ordem, enfim, é o banho de sangue da Comuna de Paris. É a morte de trinta mil homens, mulheres e crianças, despedaçadas pelos abusos, metralhados, enterrados na cal viva sob as ruas de Paris. É o destino da juventude russa, emparedada nas prisões, enterrada na neve da Sibéria, da qual, os mais puros, os mais devotados representantes, morrem pela corda do carrasco. (KROPOTKIN, 2005, p. 88).

A nova ordem, chamada pelos governantes de desordem, quer é a abolição da escravidão é a transformação social: “a desordem – o que eles denominam desordem – são as

épocas durante as quais as gerações inteiras mantêm uma luta incessante e se sacrificam para preparar uma existência melhor para a humanidade, livrando-a das servidões do passado” (KROPOTKIN, 2005, p. 89).

A anarquia, portanto, é a negação de uma ordem injusta, que impõe a exploração do homem pelo homem, se apresenta como um meio de luta para a transformação social, rejeita o princípio da autoridade política e sustenta que a ordem social é possível e desejável sem essa autoridade. Nesse sentido Bottomore (2001) ressalta que são dois os vetores básicos do anarquismo, o negativo e o positivo: o vetor negativo “dirige-se contra os elementos essenciais que constituem o Estado moderno: sua territorialidade (...); sua soberania (...); seu monopólio (...); seu sistema de direito positivo que pretende sobrepor-se a todas as outras leis e costumes, e a ideia de que a nação é a comunidade política mais importante” (p. 11), o positivo “volta-se para a defesa da ‘sociedade natural’, isto é, de uma sociedade auto-regulada de indivíduos e de grupos livremente formados” (p. 11).

Segundo o geógrafo russo, o processo revolucionário deve assegurar que não exista nenhum “governo revolucionário” e que haja um avanço substancial em direção à igualdade social, minimizando, assim, a possibilidade de retrocesso da revolução. (WOODCOCK, 2002, p. 226). Desse modo, o movimento revolucionário já deve ter a essência da sociedade futura, a qual nega qualquer forma de dominação entre os homens.

Entre os pensadores anarquistas, Kropotkin foi um dos principais expoentes do comunismo anarquista, cujos princípios podem ser sintetizados na máxima “tudo pertence a todos”. A teoria anarquista comunista de Kropotkin foi desenvolvida, principalmente, em seu livro *A conquista do pão*, de 1892.

Segundo Woodcock (2002), a principal distinção entre a via do anarquismo comunista e as demais doutrinas libertárias é a ideia de livre distribuição que, segundo o historiador do pensamento anarquista, “é mais antiga que o próprio anarquismo” (p. 228). Assim, essa nova sociedade seria comunal, na qual não existiria salário, pois para Kropotkin “o sistema de salário em qualquer de suas formas, mesmo quando administrado por Bancos do Povo ou por associações de trabalhadores através de cheques de trabalho, é apenas um tipo de coerção que não deveria ser admitido em nenhum tipo de sociedade voluntária” (WOODCOCK, 2002, p. 227).

Nessa sociedade os produtos e serviços seriam disponibilizados aos que necessitassem, de modo que o critério de distribuição é a necessidade e não o trabalho. Nesse sentido há uma clara oposição à ideia de Karl Marx de distribuição do salário: “o trabalho, aos olhos do

coletivista, não é mais que um trabalho ‘simples’, enquanto o artífice, o engenheiro, o sábio etc. fazem o que Marx chama de trabalho ‘composto’ e tem direito a um salário mais elevado” (KROPOTKIN, 1953, p. 26).

Desse modo, desigualdade e propriedade precisam ser abolidas, assim como o individualismo capitalista, sendo que em seu lugar deve surgir um sistema de cooperação voluntária:

Tudo o que antes era considerado como função do governo é-lhe hoje disputado: tudo se arranja melhor e mais facilmente sem a sua intervenção. Estudando os progressos feitos nesta direção, somos levados a concluir que a humanidade tende a reduzir a zero ação dos governos, isto é, a abolir o Estado. Já podemos entrever um mundo onde o indivíduo, não mais ligado por leis, só terá hábitos sociais, resultado da necessidade de procurar o apoio, a cooperação e a simpatia dos vizinhos. (KROPOTKIN, 1953, p. 16 e 17)

Essa relação entre as pessoas fundamenta-se na ajuda mútua ou mutualismo, que segundo o autor é o principal meio de sobrevivência entre as espécies animais e os homens. Com isso a sociabilidade passa a figurar como principal meio para a garantia da vida, de modo que a solidariedade garante a sobrevivência humana. Segundo Moraes (2014), nesse aspecto “Kropotkin está meramente reproduzindo aquilo que figura normalmente na vida das pessoas comuns, que em sua prática cotidiana estão acostumadas a dividir e a se ajudar mutuamente” (p. 9).

Woodcock (2002) ressalta que com essas teses Kropotkin discorda da visão de que o homem primitivo lutava livremente pela vida. Para ele o homem sempre foi um ser social, desde as primeiras sociedades onde o homem vivia em tribos ou clãs, nas quais as leis eram substituídas por costumes e tabus, até seu ápice nas cidades medievais que mesmo com a ação coercitiva do Estado manteve a cooperação voluntária.

Assim, para o geógrafo russo o princípio anarquista apresenta-se como uma negação do Estado e da acumulação pessoal do capital. Nega também toda e qualquer forma de autoridade, assim como as formas estabelecidas da sociedade, embasadas na injustiça, no egoísmo absurdo e na opressão. Para Kropotkin (2007) a negação é um princípio filosófico e prático, “significando ao mesmo tempo que todo o conjunto da vida das sociedades, tudo – desde as relações cotidianas entre os indivíduos até as grandes relações das raças para além dos oceanos” (p. 34). No entanto, os filósofos universitários e homens de negócio de sua época negaram o caráter filosófico das ideias ácratas, mas Kropotkin (2007) continua defendendo que “é uma visão de conjunto que resulta da autêntica compreensão dos fatos

sociais, do passado histórico da humanidade, das verdadeiras caudas do progresso antigo e moderno” (p. 34-35).

Nota-se, portanto, que Kropotkin constata uma realidade, uma sociedade organizada, estabelece uma crítica e propõe uma nova sociedade. Nesse âmbito, para os objetivos deste estudo ainda é necessário entender como ele compreende o ser humano e como a educação pode contribuir com a construção da sociedade anarquista comunista.

3 A CONCEPÇÃO DE HOMEM

Na vasta obra de Kropotkin não há especificamente um texto que trate de sua concepção antropológica, portanto, dentro dos limites dessa pesquisa, optou-se por fundamentar esta análise no texto *Ajuda mútua*, de 1902, o que não significa que se ignorem as outras produções, mas que são utilizadas principalmente as teses do autor nesse texto.

Em *A ciência moderna e anarquismo*, Kropotkin escreve: “o homem é um ser social por natureza, afirmam os anarquistas, mas sua inclinação para viver em sociedade surgiu com ele à medida que ele evoluía, deixando de lado o mundo animal” (Apud WOODCOCK, 2002, p. 23). Nessa afirmação a ideia de evolução é clara: trata-se de um debate com as descobertas de Charles Darwin e resulta em uma das maiores contribuições para a teoria geral do anarquismo.

Com aproximadamente trezentas páginas, *Ajuda mútua* decorre de uma minuciosa análise de Kropotkin do mutualismo entre os animais e os seres humanos. Seres invertebrados, aves, mamíferos, insetos etc. são amplamente investigados pelo geógrafo russo, colaborando com sua tese de que a ajuda mútua é um fator fundamental para a sobrevivência humana.

Em relação aos humanos, sua análise é histórica, iniciando-se com os selvagens e chegando até sua época. Para compreender essa evolução humana do mutualismo e sua compreensão do que é o homem, apresentam-se os seguintes argumentos do geógrafo anarquista.

Em oposição a Thomas Hobbes, segundo o qual o homem em estado de natureza era naturalmente mal – “o homem é lobo do próprio homem” – Kropotkin apresenta um conjunto de evidências científicas de que o ser humano primitivo vivia em bandos. “Descobertas isoladas de utensílios de pedras, mesmo na Idade da Pedra, são muito raras, mas, por outro lado, sempre que é achado um instrumento de sílex, é certo que outros serão encontrados (...)

os seres humanos já conheciam as vantagens da vida em sociedade” (KROPOTKIN, 2009, p. 74-75).

Kropotkin (2009) procura demonstrar que o conhecimento do homem primitivo não é tão precário e que o que se sabe até o momento em que ele escreve refuta as ideias hobbesinianas. Em seus estudos, ele chama atenção à complexidade das organizações entre os primitivos e suas relações de casamento. Não há a ideia de família, no sentido moderno, “mas não é, de modo algum, um agregado frouxo de homens e mulheres que se unem de maneira desordenada conforme seus caprichos momentâneos. Todos esses povos possuem uma certa organização, que foi descrita por Morgan, em seus aspectos gerais, como ‘gentílica’ ou de clã” (KROPOTKIN, 2009, p. 77).

O “casamento comunal”, o surgimento da união tribal, se dá da união familiar sem respeito à consanguinidade, e aos poucos foram impostas certas restrições sexuais, da proibição da união entre filhos de uma mesma mãe etc. e outras limitações. Em seguida, outro fator de suma importância para a união é o desenvolvimento moral, estabelecendo costumes e tabus que ordenam a organização social. Não se trata, contudo, de ignorar conflitos, violência, o uso da força, mas de demonstrar que nesse primeiro momento da vida humana um fator de suma importância para sua sobrevivência é a ajuda mútua.

Em síntese, argumenta Kropotkin (2009):

Dentro da tribo, a regra do “cada um por todos” é suprema, nos casos em que a família separada ainda não tiver quebrado a unidade tribal. Mas essa regra não se estende aos clãs vizinhos, mesmo quando federados para proteção mútua. Cada tribo ou clã é uma unidade isolada. Assim como entre mamíferos e as aves, o território é bem definido entre as tribos separadas e, exceto em tempos de guerra, as fronteiras são respeitadas. Portanto, a vida do “selvagem” é dividida em dois conjuntos de ações, relacionados a dois aspectos éticos diferentes: as relações dentro da tribo e as relações com os estranhos, e a lei “intertribal” (assim como nossa lei internacional) difere amplamente do direito comum. Portanto, no que se refere a uma guerra, as crueldades mais repulsivas podem ser consideradas outros tantos títulos de admiração da tribo. Essa dupla concepção de moralidade perpassa toda a evolução da humanidade e se mantém até nossos dias. (p. 93).

Dito isso sobre os selvagens, Kropotkin (2009) volta sua atenção para os povos chamados bárbaros. Nesse item, o geógrafo russo adverte para a própria escrita da história a partir da visão greco-romana, que rotula os outros povos em favor de sua “civilidade”. Na Idade Antiga é notável a quantidade de guerras e conflitos entre povos e linhagens. Tais fatos vinculados à História Política dos povos têm sido compulsoriamente estudados de modo que, para compreender a evolução do mutualismo é necessário se atentar de maneira minuciosa na

vida cotidiana desses povos: “Deixando de lado as ideias preconcebidas da maioria dos historiadores e sua evidente predileção pelos aspectos dramáticos da História, vemos que os documentos que eles examinam são exatamente aqueles que exageram o lado guerreiro da vida humana e subestimam o lado pacífico” (KROPOTKIN, 2009, p.101).

Segundo Kropotkin (2009), esses povos foram capazes de desenvolver uma nova organização, a comunidade aldeã, o trabalho comunal, o procedimento judicial e a lei intertribal.

Entre as guerras e os conflitos internos, muitos povos se fragmentaram e desapareceram. “No entanto, as mais vigorosas criaram uma nova organização – a comunidade aldeã – que as manteve coesas durante os quinze séculos seguintes ou mais” (KROPOTKIN, 2009, p. 103). Com a comunidade aldeã têm origem a concepção de território comum, assim o agrupamento consanguíneo dos selvagens foi substituído pelos territoriais. Essa nova organização oferecia muitas vantagens:

Reconhecia a independência da família e até a enfatizava; a comunidade aldeã negava o direito de qualquer interferência no que se dava no interior da família; dava muito mais liberdade à iniciativa pessoal; não era hostil, em princípio, à união entre pessoas de origens diferentes e, ao mesmo tempo, mantinha a coesão necessária entre ação e pensamento, sendo forte o bastante para se opor às tendências dominadoras das minorias de feiticeiros, sacerdotes e guerreiros profissionais ou destacados.(KROPOTKIN, 2009, p. 103).

Veja-se que Kropotkin (2009) está evidenciando a evolução da ajuda mútua, o desenvolvimento humano e social. Ressalta-se que as comunidades aldeãs não mantiveram uma uniformidade estrutural, mas por sua origem natural, apresentavam estruturas diferentes.

Nesse território comum existia um trabalho também comum; inicialmente pouco ou quase nada no conjunto coletivo era pessoal. “A caça, a pesca e a cultura dos pomares ou das plantações de árvores frutíferas em comum era a regra nas antigas *gens*, assim como a agricultura em comum era nas comunidades aldeãs bárbaras”. (KROPOTKIN, 2009, p. 106). Contudo, o cultivo comum não significava o consumo comum e além do consumo coletivo em cabanas ou “casas grandes”, havia também o hábito das refeições separadas, em círculos mais íntimos.

O surgimento do procedimento judicial também data dessa época. Os conflitos internos da comunidade passam a ser mediados por árbitros ou assembleias, de acordo com a gravidade do caso.

Todas as brigas eram levadas primeiro diante de mediadores ou árbitros e, na maioria dos casos, eram decididas por eles, que tinham um papel muito importante na sociedade bárbara. Mas, se fosse grave demais para ser resolvido dessa maneira, o caso era examinado pela assembleia – que tinha de “pronunciar uma sentença” e fazê-lo de forma condicional, ou seja, “se provado o erro, exigia-se uma compensação” – e a prova ou desmentido por seis ou doze pessoas, que confirmavam ou negavam o fato sob juramento. (KROPOTKIN, 2009, p. 109).

A concepção de justiça dos chamados bárbaros não diferia muito da dos “selvagens”, acreditam que a morte se paga com a morte, que o ferimento com ferimento e assim por diante. No entanto, diferente dos “selvagens”, queriam limitar o número de envolvidos em um conflito e, portanto, superar a ideia brutal de sangue por sangue. “Os códigos bárbaros – que eram conjuntos de regras de direito costumeiro escritas para uso de juízes – ‘primeiro permitiram, depois encorajaram e finalmente obrigaram’ a compensação em lugar da vingança” (KROPOTKIN, 2009, p. 110).

O desenvolvimento aldeão e de sua justiça permitiu um respeito entre as aldeias – principalmente nos tempos de paz – havia uma lei comum a ser respeitada por diferentes povos.

E foi tão grande o progresso – econômico, intelectual e moral – realizado pela humanidade sob essa nova forma popular de organização que os Estados, quando vieram a existir mais tarde, simplesmente se apossaram, pelo interesse das minorias, de todas as funções jurídicas, econômicas e administrativas que a comunidade aldeã já tinha exercido no interesse de todos. (KROPOTKIN, 2009, p. 120).

Após analisar o desenvolvimento bárbaro, Kropotkin (2009) se volta para o estudo da Idade Média, suas corporações e cidades.

Segundo o geógrafo russo, as corporações têm o mesmo princípio da comunidade aldeã. “Com a crescente diversidade dos ofícios, do artesanato e das artes, e com o comércio cada vez mais ampliado em terras distantes, surgiu uma nova forma de associação: as corporações” (KROPOTKIN, 2009, p. 135).

Essas uniões de determinados ofícios evidenciam, segundo Kropotkin (2009), a importância da ajuda mútua. Surgiram no século XII e logo se difundiram, resultando posteriormente em federações.

É evidente que uma instituição assim, tão bem adequada às necessidades da associação, sem privar o indivíduo de sua iniciativa, não poderia deixar de se difundir, crescer e fortalecer-se. A única dificuldade era encontrar uma forma que permitisse confederar as uniões de corporações sem interferir com

as associações das comunidades aldeãs, reunindo-as em um todo harmonioso. (KROPOTKIN, 2009, p. 135).

Da comunidade aldeã e das corporações de ofício surgiram as cidades. “A cidade organizou-se como uma federação de pequenas comunidades aldeãs e de corporações” (KROPOTKIN 2009, p. 135).

Desse modo, na perspectiva de Kropotkin (2009), à medida que se conhece a cidade medieval constata-se que ela não era uma simples organização estatal voltada para a proteção de certas liberdades. “Era uma tentativa de organizar, em uma escala muito mais ampla que a da comunidade aldeã, uma estreita união para ajuda e apoio mútuos, para o consumo e a produção e para a vida social como um todo, sem impor aos homens os entraves do Estado” (p. 145).

As federações constituíam a própria essência da vida e do pensamento durante aquele período. Entre os séculos VI e X são grandes os esforços para assegurar ajuda e apoio mútuos por meio dos princípios de federação e associação. Essas organizações atingiram seu ápice nos séculos vindouros, mas entram em declínio a partir do século XV, vindo a ser superada pela ganância humana e a exploração do homem pelo homem. A essência dessa organização permanece apenas nas massas, como afirma Kropotkin (2009):

A corrente de ajuda e apoio mútuos não se extinguiu nas massas; continuou a fluir mesmo após essa derrota. Foi retomada com força descomunal, em resposta aos apelos comunistas dos primeiros propagandistas da Reforma e continuou existindo ainda depois que as massas, sem conseguirem realizar a vida que esperavam inaugurar sob a inspiração de uma religião reformada, caíram sob o domínio de um poder autocrático. (p. 172)

No item *A ajuda mútua entre nós*, Kropotkin (2009) faz um balanço do mutualismo no mundo moderno e contemporâneo, destaca as consequências da formação dos Estados Nacionais e as instituições de ajuda mútua de seu tempo.

Segundo Kropotkin (2009), como consequência da formação dos Estados Nacionais e sua absorção das funções sociais há o desenvolvimento de um individualismo desenfreado. “À medida que cresciam as obrigações para com o Estado, os cidadãos iam sendo evidentemente aliviados das obrigações de uns para com os outros” (p. 181). Enquanto nos tempos medievais, nas corporações os homens pertenciam a uma corporação ou fraternidade, na sociedade moderna o homem se torna individualista.

No entanto, a ajuda mútua permanece entre os camponeses que não foram explorados pelos capitalistas, que continuaram tendo acesso à terra. Kropotkin (2009) ressalta que a

resistência dessas comunidades é árdua, pois “o valor da terra estava aumentando em consequência do crescimento das indústrias e, sob a organização estatal, a nobreza havia adquirido um poder que nunca tivera sob o sistema feudal e, dessa forma, tomou posse das melhores áreas das terras comunais e fez o que pôde para destruir as instituições comunais” (p. 186). Após essa afirmação Kropotkin (2009) apresenta e analisa inúmeras comunidades aldeãs que permaneciam no início do século XX.

A partir do século XVII, os sindicatos se apresentam com a mesma essência das corporações e das comunidades aldeãs, como meio de ajuda mútua. No entanto, o Estado cria em diferentes contextos uma série de meios para inviabilizar a ação dessas organizações, entre elas afirma Kropotkin (2009):

Quanto aos trabalhadores, seus sindicatos foram considerados ilegais até metade do século 19 na Inglaterra e, nos últimos vinte anos, na Europa (p. 181).

Com a promulgação da Lei do Patrão e do Empregado, os sindicalistas foram perseguidos em massa e os trabalhadores eram sumariamente presos e condenados por simples queixas de mau comportamento por parte do patrão. (p. 210).

Mesmo diante desses e de outros obstáculos ao mutualismo, os sindicatos se mantêm como meio de ajuda mútua, foram muitas vezes destruídos e se reconstruíram, viabilizando assistência aos trabalhadores do campo e da cidade, organizando greves e lutando pela conquista de direitos.

Em seguida surgem também associações políticas, outro meio de ajuda mútua “cujas atividades muitos trabalhadores consideram mais eficazes que as dos sindicatos para conquistas relativas ao bem-estar, já que, no momento, seus objetivos estão mais limitados” (KROPOTKIN, 2009, p. 2011). Adverte-se, contudo, que o simples fato de pertencer a uma associação política não significa apoio mútuo, se faz necessário colocar os interesses altruístas a frente dos egoístas.

Além dessas organizações, Kropotkin (2009) também apresenta em seus argumentos os clubes, as associações regionais, irmandades, as sociedades científicas, literárias etc., todas como expressão do mutualismo.

Em síntese, para Kropotkin (2009) a sociabilidade e as necessidades de ajuda mútua são partes inerentes da história humana, de modo que em nenhum momento da História é possível encontrar seres isolados lutando pela sobrevivência. Assim, o homem é um ser solidário, capaz de amar a si e ao próximo, mas vive uma situação na qual o Estado e a ganância de alguns homens inviabiliza a manifestação plena dessa solidariedade.

No processo revolucionário proposto por Kropotkin, assim como para a manutenção da nova sociedade, a educação tem um papel fundamental, uma vez que problematiza e analisa as relações sociais historicamente constituídas, o qual se apresenta na próxima seção.

4 O ENSINO DE GEOGRAFIA

“Tudo está para ser feito na escola atual”, escreve Kropotkin em uma carta ao amigo anarquista Francisco Ferrer. A necessidade de uma revolução no ensino é inerente à revolução social, como afirma em *A conquista do pão*:

Sabemos que nenhum povo está por enquanto moralmente preparado para proclamar a anarquia e viver nela, tendo o cidadão as necessárias virtudes para viver dentro do seu direito, sem violar os direitos alheios. Essas virtudes há de o povo adquiri-las mediante o ensino e o exemplo dos homens superiores que tem no peito o advento do anarquismo, isto é, da liberdade absoluta, tendo só a restringi-la a liberdade dos outros. (KROPOTKIN, 1953, p. 16).

O ensino desenvolverá as virtudes necessárias para os homens da sociedade anarquista, por meio dele o homem desenvolverá sua solidariedade, seu amor a si e ao próximo. Mas como deve ser essa nova escola? E o ensino de geografia? Essas questões nortearam essa pesquisa e são sistematizadas nesta seção. Ressalta-se, contudo, que a apresentação das concepções anarquistas do geógrafo russo, apresentadas nas seções anteriores, são importantes para o alcance dos objetivos desta pesquisa; não seria possível entender a razão de ser das concepções de educação de Kropotkin no vazio, essas ideias fazem parte de um projeto de sociedade, como qualquer projeto educacional.

Nesta parte serão utilizados dois textos de Kropotkin, o já mencionado *O que a geografia deve ser?*, de 1885, e uma carta escrita ao amigo anarquista Francisco Ferrer. Apresenta-se, inicialmente, as mudanças necessárias na escola e, em seguida, no Ensino de Geografia. Nesta análise destaca-se também a atualidade do pensamento educacional do geógrafo.

Ao fazer uma análise da escola de sua época, Kropotkin (1978) afirma que essa inculca nos jovens “preocupações religiosas, individualistas, autoritárias...” (p. 46). Assim se faz necessária uma nova escola:

Antes de mais nada, a educação propriamente dita, isto é, a formação do ser moral, ou seja o indivíduo ativo, com iniciativa, empreendedor, valente, livre dessa timidez de pensamento que caracteriza o homem educado em nossa

época, ao mesmo tempo sociável igualitário, capaz de sentir unidade com os homens do universo inteiro. (p. 46-47).

Mas essa nova educação só será possível com um apoio social e político, caso esse apoio não exista a família e a sociedade como um todo se apresentarão como grandes obstáculos de seu desenvolvimento.

Kropotkin (1978) e (2014) argumenta que essa mudança no ensino não decorre apenas da necessidade da revolução anarquista, ela advém também do desenvolvimento científico e da necessidade de novas exposições científicas, que procurem romper com os tratados metafísicos, de um conhecimento erudito, elitizado, e deem lugar a exposições mais compreensíveis, em uma linguagem mais acessível à população geral: “O ensino de todas as ciências abstratas, das mais abstratas até a sociologia e a economia, exige uma reconstrução para ser colocado ao nível que o estágio atual da ciência impõe” (KROPOTKIN, 1978, p. 46).

Nesse aspecto já é possível notar a atualidade do pensamento de Kropotkin, a defesa da democratização do ensino, não apenas do acesso à escola, mas do acesso ao conhecimento, da necessidade de criar meios para que o saber esteja acessível a grande parte da população. Kropotkin (1978) elabora o conceito de *ensino integrado* que para um educador do século XXI aparentemente não faz sentido, mas quando se apresenta sua definição ele é totalmente compreensível e está presente – pelo menos em teoria – em qualquer instituição de ensino atual:

Em último termo haverá de se recorrer ao *ensino integral*; ao ensino que por exercício da mão sobre a madeira, a pedra e os metais, fala ao cérebro e o ajuda a desenvolver-se. Chegará a ensinar-se a todos o fundamento de todos os ofícios, o mesmo que todas as máquinas, trabalhando (segundo certos sistemas já elaborados) sobre o banco e o torno, modelando a matéria bruta, fazendo por si mesmo as partes fundamentais de todas as coisas e máquinas, o mesmo que as máquinas simples e as transmissões de força a que se reduzem todas as máquinas.

Dever-se-á chegar à integração do trabalho manual com o trabalho cerebral que já predicavam o operário e a Internacional, e que se realiza já em algumas escolas, sobretudo nos Estados Unidos, e então se verá a imensa economia de tempo e de pensamento que se realizará com os jovens. Desse modo, quando se pensar seriamente nisso, se achará o meio de economizar o tempo em todo o ensino. (p. 47).

A vinculação entre o conhecimento disciplinar e a realidade do educando. Essa ação didática-pedagogia presente em qualquer curso de licenciatura, defendida como necessária, a despeito de um ensino tradicional, enciclopédico, defendida por inúmeros autores no decorrer do século XX, de John Dewey a Paulo Freire, já está presente na crítica que Kropotkin faz ao ensino.

Essa crítica à educação se estende a crítica ao Ensino de Geografia. Assim como as outras ciências, a Geografia também se renova:

Esta ciência, que recolhe as leis descobertas por suas ciências irmãs e mostra sua ação mútua e suas conseqüências com respeito às superfícies do globo, não podia permanecer à margem do movimento científico geral; e agora vemos que se desperta um interesse pela geografia que recorda muito o interesse geral que esta provocou na geração anterior durante a primeira metade deste século. Nós não tivemos um viajante e filósofo de tanto talento como Humboldt, mas as recentes viagens ao Ártico e as explorações das profundidades marinhas, e, ainda mais, o rápido progresso obtido na biologia, na climatologia, na antropologia e na etnologia comparada, deram aos trabalhos geográficos um atrativo tão grande e um significado tão profundo que os próprios métodos de descrição da esfera terrestre experimentaram recentemente uma profunda modificação. O mesmo alto nível de raciocínio científico e de generalizações filosóficas a que Humboldt e Ritter haviam nos acostumado volta a aparecer na literatura geográfica. Não nos surpreende, portanto, que tanto a descrição de viagens como a geografia em geral estejam se convertendo outra vez no tipo de leitura mais popular. (KROPOTKIN, 2014, p. 33-34).

A mesma mudança científica e do discurso científico notada em outras ciências também é percebida por Kropotkin (2014) em relação à Geografia. Uma volta a uma tradição anterior, vinculada aos viajantes e aos textos de geógrafos como Humboldt e Hitter, assim como uma mudança no discurso, popularizando o conhecimento.

Essa renovação científica, argumenta Kropotkin (2014), deve vir acompanhada de uma mudança no ensino da disciplina. Segundo suas pesquisas, a geografia, “a mais atrativa e sugestiva para as pessoas de todas as idades” (p. 34), figurava nas escolas de sua época como um dos temas mais áridos, de difícil entendimento e carente de significado. Novamente, o geógrafo russo mostra-se atual, não defende apenas uma linguagem mais simples no ensino para os jovens, mas que esse venha acompanhado de significado. Nesse sentido a Geografia pode ser a ciência mais bem-sucedida:

Sem dúvida alguma, raramente pode existir outra ciência que possa tornar-se tão atrativa para a criança como a geografia, nem um instrumento tão poderoso para o desenvolvimento geral da mente, para familiarizar o estudante com o autêntico método de raciocínio científico, e para despertar o gosto por todas as ciências naturais. As crianças não são grandes admiradoras da própria natureza enquanto esta não tem nada a ver com o homem. O sentimento artístico, que desempenha um papel tão importante nos prazeres intelectuais de um naturalista, todavia é muito débil na criança. As harmonias da natureza, a beleza de suas formas ou as admiráveis adaptações dos organismos, a satisfação espiritual que produz o estudo das leis físicas — tudo isso pode vir mais tarde, mas não na primeira infância. As crianças buscam em toda parte o homem, suas lutas contra os obstáculos, sua atividade. Os minerais e as plantas as deixam frias; passam por um

período em que predomina a imaginação. Querem dramas humanos e, portanto, as histórias de caça e pesca, de viagens marinhas, de lutas contra perigos, de costumes e condutas, de tradições e migrações são obviamente uma das melhores formas de desenvolver na criança o desejo de estudar a natureza. (KROPOTKIN, 2014, p. 36-37).

Partir do interesse dos jovens, atribuindo sentido ao ensino, explorando a imaginação da juventude, os dramas humanos, a aventura. Ensinar em uma perspectiva lúdica, é isso que Kropotkin (2014) está defendendo, em detrimento do ensino de sua época. “Essa é a tarefa do geógrafo na primeira infância: por intermédio do homem interessar as crianças nos principais fenômenos da natureza, despertar-lhe o desejo de conhecê-los e compreendê-los” (p. 37-38).

Outra preocupação de Kropotkin (2014) é o caráter ideológico da educação de seu tempo. “Nosso século mercantilista parece haver compreendido melhor a necessidade de uma reforma tão logo os interesses chamados ‘práticos’ de colonização e de guerra se colocaram em primeiro plano” (p. 35). Nesse sentido, contra o Imperialismo e Neocolonialismo presentes no final do século XIX, a Geografia deveria cumprir um serviço muito importante:

Deve ensinar-nos, desde nossa mais tenra infância, que todos somos irmãos, seja qual for nossa nacionalidade. Em uma época como a nossa, de guerras, de sentimento nacionalista, de indolência nacionalista e ódio habilmente alimentado por gente que persegue seus próprios interesses de classe, egoístas ou pessoais, a geografia deve ser — na medida em que a escola possa fazer algo para contrabalançar as influências hostis — um meio para dissipar esses preconceitos e para criar outros sentimentos mais dignos da humanidade. (KROPOTKIN, 2014, p. 38).

O Ensino de Geografia deve, portanto, mostrar que cada nacionalidade contribui de sua maneira para o desenvolvimento geral da comunidade e que somente algumas nações egoístas estão interessadas em manter o ódio e a rivalidade nacionais. Para o geógrafo russo, essa rivalidade entre as nações é, em certa medida, semelhante ao ódio das classes mais abastadas à classe trabalhadora. Tais conflitos revelam o desconhecimento que até mesmo as pessoas mais cultas, que conhecem a Geografia apenas pelo nome, pois é tarefa da disciplina

destacar esta verdade, em toda a sua luz, em meio a todas as mentiras acumuladas pela ignorância, presunção e egoísmo. Ela deve impor nas mentes das crianças a ideia de que todas as nacionalidades são estimáveis; de que quais forem as guerras que fizeram, só um egoísmo míope estava no fundo de todas elas. Deve mostrar que o desenvolvimento de cada nacionalidade foi consequência de várias grandes leis naturais, impostas pelas características físicas e étnicas da região que habitara; que os esforços feitos por outras nacionalidades para frear seu desenvolvimento natural foram meros erros; que as fronteiras políticas são relíquias de um bárbaro

passado; e que o trato entre os distintos países, suas relações e sua influência mútua estão submetidos a leis tão pouco dependentes da vontade de separar os homens como as leis que regem o movimento dos planetas. (KROPOTKIN, 2014, p. 39 e 40).

Essa tarefa ainda é necessária nos dias de hoje: educar para o respeito aos direitos humanos, contra a intolerância entre as nações, respeito às diferenças étnicas, pelo apoio mútuo entre as nações.

Kropotkin (2014) adverte que há outra tarefa suficientemente importante: “a de acabar com os preconceitos que criamos a respeito das chamadas ‘raças inferiores’” (p. 40). Numa época que vários países da Europa proclamavam a necessidade de civilizar os “selvagens”, o geógrafo russo nota que desde a mais tenra infância é ensinado o desprezo pelas outras raças, consideradas inferiores. Nesse sentido, continua o autor, “um dos grandes serviços prestados ultimamente pela etnografia foi o de demonstrar que esses “selvagens” compreenderam como desenvolver altamente em suas sociedades os mesmos sentimentos humanos e sociais que os europeus estão tão orgulhosos de professar” (p. 40), pois os europeus têm facilidade em professar, mas uma grande dificuldade em praticá-los: “Até agora os europeus ‘civilizaram os selvagens’ com *whisky*, tabaco e o sequestro; inocularam-lhes nossos próprios vícios; os escravizaram” (p. 41). Nesse contexto, por meio da Geografia deve-se oferecer o conhecimento das forças da natureza e formas superiores de vida social, “tudo isto e muitas outras coisas deve ser ensinado pela Geografia se pretende realmente converter-se em um meio de educação” (p. 41).

Eis, portanto, os objetivos do Ensino de Geografia para Kropotkin (2014):

O ensino de geografia deve, pois perseguir um triplo objetivo: despertar em nossas crianças o gosto por todas as ciências naturais; precisa ensiná-la que todos os homens são irmãos, seja qual for sua nacionalidade; e ensiná-las a respeitar as “raças inferiores”. Assim entendida, a reforma da educação geográfica é imensa: é nada menos que uma reforma de todo o sistema de educação seguido em nossas escolas. (p. 41-42).

Para o alcance desses objetivos, Kropotkin (2014) defende uma outra relação entre docentes e educandos. No fim do século XIX a educação era evidentemente autoritária, o professor apresentava-se como um detentor do conhecimento, enquanto os alunos ignorantes e despojados de conhecimento deveriam acumular passivamente o conhecimento. Marcas dessa perspectiva ainda estão presentes em nosso ensino, em pleno século XXI, e são, como já firmado neste texto, convencionalmente chamadas de tradicionais. Para o geógrafo, esse

modo de ensino tem uma tendência em inibir o desenvolvimento da mente do educando, à medida que não possibilita que ele desenvolva um conhecimento autônomo e priva dele as fontes do conhecimento.

Ambas tendências existem; mas devem ser consideradas muito mais como uma reação frente aos métodos usados anteriormente, e não há dúvidas de que serão passageiras. Mais liberdade para o desenvolvimento intelectual da criança! Mais espaço para o trabalho independente, sem ajuda por parte do professor senão a estritamente necessária! Menos livros de texto e mais livros de viagens; mais descrições de países escritos em todos os idiomas pelos nossos melhores autores, passados e presentes, nas mãos de nossos estudantes: estes pontos chave não se devem nunca perder de vista. (KROPOTKIN, 2014, p. 57).

Novamente a proposta pedagógica de Kropotkin (2014) se mostra de vanguarda, defendendo uma relação colaborativa entre docentes e educandos, algo muito presente nos Projetos de Trabalho que, diga-se de passagem, se apresenta como algo inovador. É necessário procurar meios para que o educando vivencie o conhecimento de maneira ativa, é isso que Kropotkin (2014) está afirmando e é isso que a educação do século XXI ainda está buscando.

Para essa árdua tarefa de ensinar Geografia para as futuras gerações, Kropotkin (2014) afirma que são necessários homens e mulheres de personalidades excepcionais, que trabalhem com prazer pelo bem social de toda comunidade, da nova sociedade, pois na sociedade egoísta capitalista esses profissionais ensinam

durante toda sua vida, desde sua juventude até o túmulo, a quem enviamos a um povoado, no qual se veem privados de todo intercâmbio intelectual com gente educada e onde logo se acostumam a considerar seu trabalho como uma maldição. Certamente não nas filas dos que veem na educação uma profissão remunerada e nada mais. Somente caracteres excepcionais podem seguir sendo bons professores ao longo de sua vida, até uma idade avançada. (p.70).

A situação descrita por Kropotkin (2014) ainda é vivida por muitos professores no mundo e certamente por todos os educadores brasileiros, de modo que também em relação à profissão docente o geógrafo se mostra extremamente atual.

Assim, para Kropotkin a revolução social e a mudança no ensino devem ser uma ação conjunta. Não há uma mudança significativa na educação sem uma transformação social. O sistema de ensino deve estar a favor da ajuda mútua, desenvolvendo moralmente os sujeitos sociais da nova sociedade. Para essa tarefa, o Ensino de Geografia é apresentado pelo autor

como imprescindível, pois as especificidades desse ensino, se bem exploradas, desenvolverão a solidariedade, o amor a si e ao próximo, o trabalho comum e o coletivismo essenciais ao anarquismo comunista.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Ensino de Geografia é um desafio do século XXI. Pesquisadores desse campo do conhecimento, assim como pedagogos e outros estudiosos preocupados com o tema, têm se esforçado em compreender o papel da disciplina na escola e na sociedade. Diante desse desafio, este estudo se voltou para um das primeiras investigações sobre o assunto: a obra do geógrafo anarquista russo Piotr Kropotkin.

À luz da obra do autor e de alguns comentadores, procurou-se apreender: “Quais as concepções de Kropotkin sobre o Ensino de Geografia?”. Para responder essa questão dentro da obra do autor e suas concepções anarquistas, optou-se por investigar também sua concepção de sociedade e de homem.

Desse modo, primeiramente se apresentou sua concepção de sociedade. Como anarquista, o geógrafo defendia uma revolução social que superasse o capitalismo dentro de uma perspectiva chamada de anarquismo comunista cujos princípios podem ser sintetizados na máxima “Tudo para todos”. Em seguida se expos, de maneira breve, a concepção de ser humano do autor: um ser social que sobreviveu no decorrer da história por meio da ajuda e do apoio mútuo, solidário e capaz de amar a si e ao próximo. Por fim, este estudo voltou-se para a concepção de educação e do Ensino de Geografia do autor. Nessa análise procurou-se mostrar que a ideia de educação de Kropotkin está intimamente vinculada ao seu projeto de sociedade e que, apesar de seus escritos datarem de mais de cem anos, são grandes contribuições para o Ensino de Geografia hoje.

Os desafios contemporâneos da educação são diversos. O advento da democratização do ensino no Brasil expôs dificuldades pedagógicas e organizacionais, evidenciando a necessidade de uma transformação na escola.

Nesse sentido, os problemas do ensino de Geografia são os mesmos enfrentados pela escola: classes lotadas, violência, dificuldade com as competências leitora e escritora, má formação de professores, entre outras. Contudo, há também problemas específicos, sobre os quais se trata neste texto.

Como já criticava Kropotkin, durante anos o ensino de Geografia foi associado à memorização, à perspectiva bancária de conhecimento. Decorar conceitos, orientações cartográficas, aspectos físicos, especificidades regionais etc. O aluno era tratado como ser passivo no processo de ensino. No entanto, hoje, em uma perspectiva crítica, o aluno deve pensar seu lugar no mundo, ser protagonista ativo de sua aprendizagem, experienciar o conhecimento de maneira prática na vida, se preparando para ela. Evidenciam-se, assim, duas perspectivas de ensino, a tradicional e a crítica ou progressista e é na tensão entre essas ações pedagógicas que se encontra o maior desafio do ensino de Geografia na contemporaneidade: como superar a perspectiva tradicional de ensino?

Teoricamente, a Geografia contemporânea em sua orientação crítica já superou a educação tradicional, mas a tradição no cotidiano escolar resiste à mudança. A falta de políticas públicas significativas é um dos grandes impedimentos da mudança, mas não o único, a cultura organizacional das escolas dificulta diretamente uma educação progressista. Luckesi (2011), ao tratar da dificuldade na mudança na escola, adverte que a transformação pressupõe novos hábitos e práticas, superando o discurso, sendo solidária à mudança em si, no âmbito da prática, não apenas na teoria.

GEOGRAPHY TEACHING AND SOCIETY IN PIOTR KROPOTKIN

ABSTRACT

This study deals with Geography Teaching, specifically discusses Kropotkin's propositions on this subject. It is not, however, an analysis restricted to the period of production of the Russian thinker; tries to understand how their theses can contribute to the Teaching of Geography in the 21st century. For this, the qualitative method of bibliographical review was used. For better analysis of the data, this material was divided into two categories: the author's own texts and the texts about his work. This option allowed a broad view of his thinking, as well as the social impact generated by his propositions and the actuality of his ideas.

Keywords: Geography Teaching. Kropotkin. Anarchism.

REFERÊNCIAS

- BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- KROPOTKIN, P. Carta de Kropotkin a Ferrer. **Educação e Sociedade**, Ano I, nº 1, setembro, 1978.
- KROPOTKIN, P. **A conquista do pão**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- KROPOTKIN, P. **Ajuda mútua: um fator de evolução**. São Sebastião: A senhora Editora, 2009.
- KROPOTKIN, P. O que a geografia deve ser? KROPOTKIN, P.; RÉCLUS, É. **Escritos sobre Educação e Geografia**. São Paulo: Terra Livre, 2014.
- KROPOTKIN, P. **Palavras de um revoltado**. São Paulo: Imaginário, 2005.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2011.
- MORAES, W. S. Kropotkin: história intelectual de um anarquista revolucionário. **Revista Digital Em Debate**, n. 12, 2.o Semestre, 2014.
- PAULO, A. E. H. A crítica anarquista de Piotr Kropotkin e Eliseé Reclus à Geografia escolar no final do século XIX. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 3, n. 3, p. 11-21, jun. 2015.
- PAULO, A. E. H. Lev Tolstoy e Piotr Kropotkin como críticos da educação geográfica. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, Ano 16, n. 25, v. 2. p. 231-249, 2014.
- VESENTINI, J. W. **Ensaio de Geografia Crítica: história, epistemologia e (geo) política**. São Paulo: Plêiade, 2009.
- VESENTINI, J. W. Piotr Kropotkin. **Seleção de textos**, São Paulo, n. 13, mar. 1986, Associação dos Geógrafos Brasileiros.
- WOODCOCK, G. **Anarquistas: história das ideias e movimentos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

Recebido em 11/12/2017.

Aceito em 27/06/2018.